

OS FORNOS DE HITLER

OLGA
LENGYEL

TRADUÇÃO
ANA MARIA PINTO DA SILVA

 Planeta

Dedicado à memória dos meus pais e marido,
ao meu avô, aos meus filhos e aos meus
companheiros de reclusão nos campos de
concentração de Hitler durante a Segunda
Guerra Mundial que, silenciados para sempre,
foram praticamente esquecidos.

1959

Índice

Capítulo 1 – 8 cavalos – ou 96 homens, mulheres e crianças . . .	13
Capítulo 2 – A chegada	25
Capítulo 3 – Barracão 26	37
Capítulo 4 – Primeiras impressões	41
Capítulo 5 – Chamada e «seleções»	52
Capítulo 6 – O campo de concentração	58
Capítulo 7 – Uma proposta em Auschwitz	64
Capítulo 8 – Fui condenada à morte	70
Capítulo 9 – A enfermaria	74
Capítulo 10 – Uma nova razão para viver	84
Capítulo 11 – «Canadá»	96
Capítulo 12 – A morgue	102
Capítulo 13 – O <i>Anjo da Morte</i> contra o <i>Grande Seletor</i>	109
Capítulo 14 – «Organização»	116
Capítulo 15 – Nascimentos amaldiçoados	121
Capítulo 16 – Pequenos pormenores da vida por detrás do arame farpado	126
Capítulo 17 – Os métodos e a sua loucura	138
Capítulo 18 – As nossas vidas privadas	156
Capítulo 19 – Os monstros de Auschwitz	164
Capítulo 20 – A clandestinidade	179
Capítulo 21 – «Paris foi libertada»	190

Capítulo 22 – Experiências científicas.	198
Capítulo 23 – Amor à sombra do crematório	208
Capítulo 24 – No vagão da morte	218
Capítulo 25 – No limiar do desconhecido	223
Capítulo 26 – Liberdade	228
Capítulo 27 – Continuo a ter fé	238
Glossário.	244

Excerto de uma carta de Albert Einstein
para Olga Lengyel

«... Obrigado pelo seu livro bastante franco
e muito bem escrito. A senhora prestou um
verdadeiro serviço dando voz àqueles que
estão agora remetidos ao silêncio e pratica-
mente esquecidos...

Com os meus melhores cumprimentos,
A. Einstein.»

Capítulo 1

8 cavalos – ou 96 homens, mulheres e crianças

Mea culpa, minha culpa, *mea maxima culpa*, não posso eximir-me da responsabilidade de que sou, em parte, responsável pela destruição dos meus próprios pais e dos meus dois filhos pequenos. O mundo compreende que eu não tinha como saber, mas no meu coração persiste a terrível sensação de que poderia, de que talvez pudesse, tê-los salvo.

Estava-se em 1944, quase cinco anos depois de Hitler ter invadido a Polónia. A Gestapo reinava por toda a parte, e a Alemanha enriquecia à custa da pilhagem do continente europeu, pois dois terços da Europa encontravam-se presos debaixo das garras do Terceiro Reich. Vivíamos em Cluj¹, uma cidade de 100 000 habitantes, capital da Transilvânia. Pertencera anteriormente à Roménia, mas a Arbitragem de Viena de 1940 transferiu-a para a Hungria, também um dos Estados satélites da Nova Ordem. Os alemães eram os donos e senhores e, embora quase não nos atrevêssemos a ter esperança, pressentíamos – melhor ainda, rezávamos – que o dia do ajuste de contas não se encontrava muito longe. Entretanto, tentávamos reprimir os nossos medos e prosseguir com as nossas tarefas diárias, evitando, sempre que possível, qualquer tipo de contacto com eles. Sabíamos que estávamos à mercê de homens implacáveis – e mulheres, também, tal como mais tarde

¹ Os germânicos chamavam-lhe Klausenburg; os húngaros, que a dominaram até 1918, conheciam-na como Kolozsaur.

viemos a descobrir –, mas ninguém nos conseguiria ter convencido na altura da verdadeira dimensão da crueldade que eles poderiam atingir.

O meu marido, Miklos Lengyel, era o diretor do seu hospital, o Sanatório Doutor Lengyel, uma moderna instituição de dois pisos e com capacidade para setenta camas, que havíamos construído em 1937. Ele tinha estudado em Berlim, onde havia consagrado uma boa parte do tempo a clínicas de atendimento gratuito. Neste momento especializou-se em cirurgia geral e ginecologia. De uma perícia extrema, e devotado à sua ciência, era muitíssimo respeitado. Não era um homem político, embora tivesse plena consciência de que nos encontrávamos no centro de um turbilhão e em constante perigo. Não dispunha de tempo livre para atividades extra. Muitas vezes tinha de atender 120 pacientes num único dia e as cirurgias ocupavam-no até altas horas da madrugada. Todavia, Cluj era uma comunidade próspera, e tínhamos orgulho em gerir um dos seus principais hospitais.

Também eu me dedicava à medicina. Tinha frequentado a Universidade de Cluj e adquirira qualificação para ser a principal assistente de cirurgia do meu marido. Na verdade, ajudara na conclusão do novo hospital, adicionando à sua decoração o amor de uma mulher pela cor; tendo, por conseguinte, abrilhantado os consultórios dando-lhe um toque da moda mais recente. Contudo, embora tivesse uma carreira profissional, tinha ainda mais orgulho da minha pequena família, pois tínhamos dois filhos, Thomas e Arvad. Ninguém, pensava eu, podia ser mais feliz do que nós éramos. Os meus pais moravam connosco, assim como o meu avô, o professor Elfer Aladar, um famoso especialista de medicina interna que se dedicava à pesquisa do cancro.

Os primeiros anos da guerra foram de uma relativa calma para nós, embora escutássemos com terrível receio os intermináveis relatos dos triunfos do *Reichswehr*. À medida que os alemães devassavam cada vez mais territórios, os médicos e os cirurgiões especializados para servir a população civil começaram a escassear. O meu marido, embora prudente e suficientemente circunspecto, não se esforçava muito para ocultar a sua esperança de que a causa da humanidade poderia não ser engolida por completo. Como é natural, falava com total liberdade

apenas com os seus confidentes, todavia as almas corruptíveis espreitavam em todos os círculos e nunca se sabia quem poderia transformar-se a seguir num informador. No entanto, as autoridades de Cluj deixaram-no em paz.

Em princípios do inverno de 1939 começámos a aperceber-nos do que se passava dentro dos territórios que os nazis haviam ocupado. Nessa época demos abrigo a uma série de refugiados polacos que tinham fugido de suas casas depois de os respetivos exércitos terem sido cercados. Escutámos, solidarizámo-nos e ajudámos. Não obstante, não podíamos dar crédito absoluto a tudo o que ouvíamos. Essas pessoas estavam exaustas e transtornadas; podiam estar a exagerar.

Em fins de 1943, chegaram-nos relatos assustadores sobre atrocidades cometidas no interior dos campos de concentração na Alemanha. Contudo, a exemplo de muitos daqueles que leem isto hoje em dia, não podíamos acreditar em histórias tão horríveis. Continuávamos a considerar a Alemanha como sendo uma nação que dera um elevado nível de cultura ao mundo. Se estas histórias eram todas verdadeiras, tais atos vergonhosos só podiam dever-se a um punhado de loucos; nada disso podia constituir uma política nacional, nem tão-pouco parte de um plano de domínio global. Sabíamos tão pouco!

Mesmo quando um major alemão da Wehrmacht, que ficou alojado em nossa casa, falou de um manto de terror com o qual o seu país cobrira a Europa, recusámo-nos a aceitá-lo. Ele não era um homem iletrado; por conseguinte, convenci-me de que estava a tentar assustar-nos. Tentámos viver afastados dele, até que uma noite exigiu juntar-se a nós. Parecia que pretendia apenas conversar, mas quanto mais falava mais amargura emanava. Por toda a parte, declarou ele, os povos subjugados contemplavam-no com olhos que transbordavam de ódio. No entanto, da família na sua terra recebia apenas queixas de que não estava a enviar-lhes um espólio suficiente! Outros militares, soldados e oficiais, enviavam para casa muito mais objetos valiosos como joias, roupas, obras de arte e comida.

Fui obrigada a ouvir. O que mais me impressionou foi o seu violento autodesprezo ao mesmo tempo que contava sobre a marcha das suas

tropas pelas estradas que se encontravam literalmente ladeadas por corpos que pendiam de forcas. Senti-me capaz de jurar que ele estava louco ou embriagado, embora soubesse que não estava nem uma coisa nem outra. Contou-nos sobre vagões, construídos de propósito para os prisioneiros destinados às câmaras de gás. Falou de campos gigantes dedicados em exclusivo ao extermínio de milhões de minorias civis. Senti a pele arrepiar-se. Como alguém podia acreditar em relatos tão fantasiosos?

Tivemos, de facto, algumas experiências alarmantes em Cluj e, quando reflito sobre isso agora, tenho a certeza de que todas deveriam ter constituído um aviso. A mais grave ocorreu no início de 1944. Um dia o meu marido foi chamado à esquadra da polícia para ser interrogado pelas temidas SS. Foi acusado especificamente de boicotar a utilização de preparados farmacêuticos alemães na sua clínica.

Representantes da empresa alemã Bayer, muitos deles membros secretos das SS, movimentavam-se com liberdade por toda a Transilvânia, em proveito próprio, e tentando expandir mais ainda a sua firma. Tinham construído uma rede de espionagem, e um homem que era dono de um grande hospital, e que se calhar não era simpatizante do Terceiro Reich, constituía para eles um alvo fácil.

Por sorte, o doutor Lengyel foi capaz de dar uma explicação plausível, e as SS libertaram-no. Em privado, chegámos à conclusão de que o interrogatório deve ter sido motivado por uma denúncia. Tínhamos até a certeza de que sabíamos quem era o colega invejoso responsável por isso.

Esse episódio deveria ter-nos preparado para o que se seguiria. No entanto, não podíamos imaginar o nível de astúcia que os mestres alemães usavam para urdir os seus planos. Armavam imensas armadilhas, mas queriam apanhar caça grossa pelo trabalho que isso lhes dava.

Na primeira semana de maio, o doutor Lengyel foi intimado a comparecer na esquadra da polícia de novo. Fiquei apreensiva assim que ele abandonou a clínica. Quando vi que demorava a regressar, fiz algumas perguntas pelas redondezas. Quase como num sonho recebi a notícia de que ele iria ser deportado para a Alemanha *de imediato*.

Desvairada, procurei saber mais informações. Tudo o que fui capaz de apurar foi que ele iria ser enviado de comboio dentro de uma hora.

O que me passou pela cabeça? O meu marido era um cirurgião renomado. Sem dúvida de que havia falta de médicos na Alemanha. Mandá-lo-iam trabalhar em alguma clínica ou hospital metropolitano. Perguntei onde, e recebi apenas um encolher de ombros como resposta. Perguntei se as autoridades me permitiriam acompanhá-lo. O oficial das SS declarou com brandura que não tinha qualquer objeção. Se decidisse ir, seria bem-vinda. Na verdade, insinuaram que não havia nada a reear. Por conseguinte, em meia dúzia de palavras eles apaziguaram-me, e chegaram mesmo a encorajar-me.

Tomei uma decisão no mesmo instante. Iríamos ser obrigados a enfrentar inúmeras adversidades; a vida agradável que tínhamos conhecido até aí poderia muito bem acabar durante muitos anos. Todavia, a separação seria ainda pior. A guerra poderia prosseguir durante meses, durante anos. As linhas da frente estavam sempre a mudar e poderíamos ser separados um do outro para sempre. Ao partirmos juntos, pelo menos teríamos como garantido um destino comum. No futuro, assim como no passado, o meu lugar seria ao lado do meu marido.

Como iria ser fatal esta mudança que eu ia realizar de forma tão deliberada! Pois em menos de uma hora eu iria transformar-me na causadora dos infortúnios dos meus pais e também dos meus filhos.

Por seu lado, os meus pais tentaram convencer-me a ficar.

– Apesar de tudo – argumentou o meu pai, que fora em tempos diretor das minas de carvão da Transilvânia –, se o teu marido tivesse sido mobilizado para prestar serviço militar, tu não poderias ir com ele.

Insisti. Afinal, não tinha eu recebido garantias da parte de um oficial alemão de que não havia perigo?

Não havia tempo para discussões. Aquela hora já quase se tinha esgotado. Ao ver que não conseguiam dissuadir-me, também os meus pais decidiram acompanhar-nos. Como é óbvio, não podíamos deixar as duas crianças para trás. À pressa, atirámos alguns objetos de valor e os habituais artigos de viagem para dentro de uma mala, chamámos

um táxi e saímos a correr a fim de nos juntarmos ao meu marido. Ele encontrava-se detido na prisão municipal.

Não fazíamos a mínima ideia da traição de que estávamos a ser vítimas até nos reunirmos na plataforma da estação ferroviária. Descobrimos então que multidões de vizinhos e de amigos também ali se encontravam. Muitos outros homens tinham sido detidos de maneira semelhante e as respetivas famílias foram encorajadas a ir com eles. Ainda assim, a situação não era demasiado alarmante. Os alemães eram meticulosos. Tinham utilizado a mesma técnica. Porquê? Ficámos intrigados, perplexos, com um peso no coração, mas não havia ali ninguém a quem perguntar. De repente, vimos que toda a estação estava cercada por centenas de soldados. Alguém expressou o desejo de voltar para trás, mas a falange de lúgubres sentinelas tornou isso impossível. Demos as mãos agarrando-nos com força e tentámos manter a calma pelo bem das crianças.

Havia um ambiente aterrador naquela cena. Nos carris, um comboio interminável aguardava. Não eram carruagens de passageiros, mas sim vagões para gado, cada um deles a rebentar pelas costuras de candidatos à deportação. Olhámos estarecidos. As pessoas chamavam-se entre si amedrontadas. A insígnia no vagão indicava os seus locais de origem: Hungria, Jugoslávia, Roménia – só Deus sabia de onde tinha partido este comboio.

Os protestos eram inúteis. Chegou a nossa vez. Os soldados começaram a aproximar-se e empurraram-nos. Fomos conduzidos como carneiros e obrigados a subir para um vagão de gado vazio. Tentámos apenas manter-nos juntos à medida que nos íamos espremendo. Então a única porta foi corrida até se fechar atrás de nós. Não me recordo se chorámos ou se gritámos. O comboio iniciara a marcha.

Noventa e seis pessoas foram empurradas à força para dentro do nosso vagão, incluindo muitas crianças que se espremeram por entre a bagagem – a bagagem pateticamente parca que continha apenas o que era mais valioso ou útil. Noventa e seis homens, mulheres e crianças num espaço que daria para acomodar apenas oito cavalos. Todavia, isso não era o pior.

Íamos tão apinhados que metade de nós não tinha lugar para se sentar. Comprimidos uns de encontro aos outros, o meu marido, o meu filho mais velho e eu permanecemos de pé de modo a arranjar espaço para o meu pai. Ele fora submetido a uma cirurgia grave pouco tempo antes e era inquestionável que precisava de descansar.

Além disso, depois de se ter passado a primeira hora e em seguida a segunda, percebemos que os mais simples pormenores da existência humana se revelariam de uma complicação extrema para serem executados. A eliminação de resíduos sanitários estava fora de questão. Por sorte, várias mães tinham tido a clarividência necessária para trazer bacias para os filhos pequenos. Com um cobertor a servir de cortina, isolámos um dos cantos do vagão. Podíamos esvaziar os recipientes através da única janela minúscula, mas não tínhamos água para lavá-los. Gritámos pedindo ajuda, mas não obtivemos resposta. O comboio seguia em frente – rumo ao desconhecido.

À medida que a viagem se alongava sem fim à vista, em que o vagão chocalhava e dava solavancos, todas as forças da natureza conspiravam contra todos nós, as noventa e seis pessoas. Um sol tórrido aquecia as paredes até o ar se tornar sufocante. O interior estava quase por completo às escuras, uma vez que a luz do dia que era filtrada através da pequena janela só era capaz de iluminar esse canto. Passado um bocado chegámos à conclusão de que era melhor assim. O cenário estava a tornar-se cada vez mais desagradável e repugnante.

Os passageiros eram na sua maioria pessoas cultas e de boa posição social na nossa comunidade. Muitos deles eram médicos judeus, ou homens com outras profissões, além dos membros das suas famílias. No início, toda a gente se esforçou, apesar do terror comum, para ser amável e solícita. Mas, à medida que as horas se passavam, o verniz começou a estalar. Não tardou a haver incidentes e, mais tarde, graves desavenças. Por conseguinte, pouco a pouco, o ambiente foi ficando envenenado. As crianças choravam; os doentes gemiam; as pessoas de mais idade lamentavam-se; e mesmo aqueles, como eu, que se encontravam de perfeita saúde começaram a prestar atenção aos seus desconfortos e inquietações. A viagem revelava-se de uma morbidez e de uma

melancolia incríveis e, embora o mesmo pudesse dizer-se de todos os outros vagões do nosso comboio, e, na verdade, dos inúmeros comboios de todos os cantos da Europa – de França, de Itália, da Bélgica, da Holanda, da Polónia, da Ucrânia, dos países bálticos, dos Balcãs – que se dirigiam todos rumo ao mesmo destino desumano, só tínhamos conhecimento dos nossos problemas e só nos importávamos com isso.

Em breve a situação tornou-se intolerável. Homens, mulheres e crianças lutavam com histerismo por cada centímetro quadrado de espaço. Quando a noite caiu perdemos qualquer noção de comportamento humano e as disputas aumentaram e subiram de tom até o vagão se transformar numa verdadeira balbúrdia.

Por fim, as cabeças mais frias prevaleceram e uma aparência de ordem foi restabelecida. Eu e um médico fomos escolhidos como responsáveis pelo grupo. A nossa tarefa era hercúlea: manter a disciplina e a higiene mais elementares, cuidar dos doentes, acalmar aqueles que se mostravam agitados e controlar todos os que perdiam as estribeiras. Acima de tudo, era nosso dever manter o moral do grupo, uma missão de todo impossível, pois também nós nos encontrávamos também à beira do desespero.

Mil e um problemas de natureza prática precisavam de ser resolvidos. O problema da comida era avassalador. Os nossos guardas não nos davam nada, e as magras provisões que tínhamos trazido começavam a esgotar-se. Era o terceiro dia. Senti o coração subir-me à garganta. Já três dias! Quanto tempo mais? E qual seria o nosso destino? A pior coisa era saber que muitos dos nossos companheiros haviam escondido parte da comida de que dispunham. Os mais ingénuos acreditavam que iriam começar a trabalhar assim que chegássemos ao nosso destino e que iriam precisar do que possuíam para complementar as rações normais. Por sorte, o nosso infortúnio diminuiu-nos o apetite. Contudo, registávamos uma rápida deterioração no estado de saúde geral do grupo. Os que estavam fracos ou debilitados quando partimos estavam agora a sofrer, e até mesmo os mais sãos começavam a perder forças.

O chefe de uma escolta das SS apareceu à janela. Gesticulava a sua *Luger* com ar ameaçador.

– Trinta relógios de pulso, e é para já. Caso contrário, podem considerar-se todos mortos!

Viera fazer a primeira coleta de um «imposto» alemão, e nós tínhamos de fornecer um número suficiente de objetos de valor para satisfazê-lo. E foi assim que o meu pequeno Thomas foi obrigado a separar-se do relógio de pulso que lhe tínhamos oferecido por ter passado com distinção no exame da terceira classe na escola.

– As vossas canetas de tinta permanente e as vossas maletas!

Mais outro «imposto».

– As vossas joias, e depois trazemos-vos um balde de água limpa!

Um balde de água para noventa e seis seres humanos, dos quais trinta eram crianças pequenas. Isso representaria umas poucas gotas para cada alma, mas seriam as primeiras que saborearíamos nas últimas vinte e quatro horas.

– Água, água! – gemeram os doentes quando o balde foi descido.

Olhei para Thomas, o meu filho mais novo. Estava com os olhos fixos na água. Como os seus lábios estavam ressequidos! Virou-se e fitou-me olhos nos olhos com ar desvairado. Também ele compreendia o nosso dilema. Engoliu em seco e não pediu água nenhuma. Não lhe deram nada para beber, pois eram muitos os que precisavam daquelas preciosas gotas mais do que ele. Sofri por ele, mas também senti orgulho da sua resistência.

Tínhamos agora mais doentes no nosso vagão. Duas pessoas sofriam atormentadas por conta de úlceras gástricas. Outras duas foram acometidas por um ataque de erisipela. Muitas foram atacadas por disenteria.

Havia três crianças deitadas junto à porta. Pareciam quentes e febris. Um dos médicos examinou-as e recuou horrorizado. Estavam com escarlatina!

Fui percorrida por um calafrio. Naquele exíguo ambiente fechado todo o grupo ficaria exposto à doença.

Era impossível isolar os mais jovens. A única «quarentena» que podíamos aplicar era fazer com que os que se encontravam mais próximos dos infetados se virassem de costas.

A princípio toda a gente tentou manter-se afastada dos doentes de modo a evitar o contágio. Contudo, à medida que os dias iam passando, tornámo-nos indiferentes a tais perigos.

No segundo dia, um dos ilustres comerciantes de Cluj sofreu um ataque cardíaco. O filho, médico, ajoelhou-se ao lado dele. Sem medicamentos sentia-se impotente, e só pôde limitar-se a ver o pai expirar enquanto o comboio prosseguia a sua marcha.

Morte no vagão! Um arquejo de horror percorreu a massa de seres humanos espremidos uns de encontro aos outros.

Com devoção, o filho começou a murmurar o tradicional cântico dos enlutados, e muitos foram os que ergueram as vozes acompanhando-o.

O comboio parou na estação seguinte. A porta abriu-se e um soldado da Wehrmacht entrou. O filho do homem morto gritou:

– Temos um cadáver entre nós. O meu pai morreu.

– Fiquem com o cadáver – replicou o outro com brutalidade. – Em breve terão muitos mais!

Ficámos chocados com a indiferença do homem. Todavia, não demorou muito a termos muitos mais cadáveres, e passado algum tempo também nós ficámos tão indiferentes e abalados que tal deixou de ter importância.

– Por fim – suspirou um marido ao fechar os olhos da sua adorada esposa que acabava de falecer.

– Meu Deus, como demora! – chorou uma mãe ao debruçar-se sobre a sua moribunda filha de dezoito anos. Era o quinto ou o sexto dia daquela viagem interminável?

O vagão de gado tinha-se transformado num matadouro. Elevavam-se cada vez mais orações pelos defuntos na atmosfera asfíxica. No entanto, as SS não nos permitiam nem enterrá-los nem removê-los dali. Éramos obrigados a conviver com os cadáveres que nos rodeavam. Os mortos, os doentes contagiosos, os que sofriam de doenças orgânicas, os sedentos, os famintos e os loucos tinham todos de viajar juntos neste inferno de madeira.

Ao sétimo dia, a minha amiga Oily tentou suicidar-se com veneno. Os seus filhos, dois jovens adoráveis; os seus pais idosos, que no início

tinham ido para Cluj como refugiados vindos de Viena; e o marido, embora ele mesmo também médico, imploraram ao doutor Lengyel que a salvasse.

Primeiro do que tudo, era preciso que ele efetuasse uma lavagem estomacal à mulher. Para isso era indispensável um tubo de borracha. Por sorte, se é que se pode dizer tal coisa, desde que fora operado o meu pai trazia consigo um aparelho para recolha de urina que continha um tubo de borracha. Para levar este tubo à pobre da Oily era literalmente necessário caminhar por cima dos nossos vizinhos doentes. Depois disso, o meu marido teria de administrar o tratamento num espaço diminuto sem instrumentos adequados e sem luz suficiente. Mas o maior problema era a falta de água.

No fundo de uns quantos cantis e cabaças, ainda havia uma magra reserva do precioso líquido. Ninguém se ofereceu para partilhar uma gota que fosse. Foi precisa toda a autoridade que o meu marido conseguiu reunir para fazê-los ceder um pouco.

Apesar de todas as dificuldades e limitações, o tratamento foi um êxito e a mulher foi salva. Pelo menos, por agora. Infelizmente, no dia seguinte ela seria levada direta para a morte.

De tempos a tempos no decurso desta viagem infernal, tentei esquecer-me da realidade, dos mortos, dos moribundos, do fedor e dos horrores. Punha-me de pé em cima de uma pilha de malas e espreitava pela minúscula janela. Contemplava a fascinante paisagem rural das montanhas Tatra, as magníficas florestas ou abetos, os prados verdejantes, as pastagens tranquilas e as casinhas encantadoras. Tudo aquilo parecia um cenário saído de um anúncio de chocolates suíços. Como parecia irreal!

Duas vezes por dia, os guardas faziam a sua ronda de controlo. Achávamos que eles mantinham uma vigilância apertadíssima, pois imaginávamos que possuíssem arquivos completos e estavam prontos para verificar os mais ínfimos pormenores com a proverbial meticulosidade alemã. Isso não passava de mais uma ilusão que estávamos destinados a perder. Os alemães só estavam interessados em nós como um grupo e não queriam saber de nada em relação a cada indivíduo.

De vez em quando, passávamos por estações onde comboios militares e comboios-hospital aguardavam. Os soldados da Wehrmacht tinham uma moral inflada. Quer estivessem embriagadas pela vitória ou exasperadas pela derrota, estas tropas, tanto de boa saúde como feridas, nada mais tinham além de comentários sarcásticos para as pessoas infestadas de pragas que seguiam como deportadas em vagões para gado. Ouvíamos os insultos mais grosseiros e cruéis. Uma e outra vez perguntava-me se seria possível que estes militares não sentissem outras emoções além de maldade e ódio. Em todo o caso, em momento algum testemunhei a menor manifestação de simpatia ou de compaixão.

Então, no fim do sétimo dia, o vagão da morte deteve-se. Tínhamos chegado. Mas onde? Seria isto uma cidade? E o que iriam eles fazer connosco agora?